

**GRUPO DIVULGAÇÃO**

**estado  
de sítio**

**FORUM DA CULTURA**  
QUARTA A DOMINGO - 21 HORAS  
DE 28 DE MAIO A 22 DE JUNHO

**GRUPO DIVULGAÇÃO**

**estado  
de sítio**

**FORUM DA CULTURA**

**GRUPO DIVULGAÇÃO**

**estado  
de sítio**

**FORUM DA CULTURA**

**GRUPO DIVULGAÇÃO**

**estado  
de sítio**

**FORUM DA CULTURA**

Centro de Estudos Teatrais  
Grupo Divulgação  
apresenta

The title 'estado de sítio' is written in a bold, lowercase, sans-serif font. It is enclosed within a rectangular frame made of two horizontal and two vertical strands of barbed wire, with the sharp points of the wire visible at the intersections.

**estado  
de sítio**

de Albert Camus

Este espetáculo é dedicado à memória de Paschoal Carlos Magno, estudante perpétuo do Brasil e responsável pelo movimento dramático na classe estudantil brasileira.

Ao sacerdote do efêmero e semeador de momentos, incentivador da cultura brasileira, em suas mais diversas manifestações, a homenagem do Grupo Divulgação, como preito de gratidão do teatro estudantil brasileiro.

Juiz de Fora, 28 de maio de 1980.

Albert Camus:  
em compasso de  
cronologia



**07/12/1913**

– Nasce em Mandovi, departamento de Constantina (Argélia), filho de um trabalhador agrícola, morto na primeira batalha do Marne;

– mãe de origem espanhola, muda-se para Argel, indo residir no bairro popular de Belcourt. Infância pobre, em apartamento exíguo.

**1918 a 1923**

– Freqüência à escola comunal.

**1924 a 1930**

– Bolsa para o liceu de Argel, graças ao interesse do professor primário Louis Germain;

– guarda-redes do Racing Universitário de Argel.

**1930**

– Primeiros sintomas de tuberculose;

– prossegue, entretanto, seus estudos na Faculdade, onde encontra novamente como professor Jean Grenier, não mais lecionando filosofia, mas agora literatura. A obra do mestre terá grande influência na de Camus.

**1933**

– Primeiro casamento, dissolvido no ano seguinte;

– lê Proust e ingressa no Partido Comunista, ocupando-se da propaganda entre muçulmanos.

**1934**

– Dissolução do casamento;

– abandona o Partido Comunista, quando Pierre Laval, após uma viagem a Moscou, tem sua atitude em relação aos árabes modificada;

– funda, nesta época, o Théâtre du Travail, colaborando na redação coletiva de uma peça - "Révolte dans les Asturies";

– começa O AVESSE E O DIREITO, enquanto prossegue nos estudos de filosofia e executa diversas funções para viver;

– envia, nominalmente, um relatório ao Instituto de Meteorologia sobre as Pressões nos territórios do Sul.

**1936**

– Tese universitária sobre relações do helenismo e do cristianismo, através das obras de Plotino e de Santo Agostinho;

– leituras de Epicteto, Pascal, Kierkegaard, Malraux e Gide;

– percorre a Argélia com o grupo teatral de Rádio Argel, e interpreta, na qualidade de galã, diversos personagens clássicos.

**1937**

– Problemas de saúde impedem-no de apresentar-se à "agrégation" de filosofia;

– projeta um ensaio sobre Malraux;

– viagem a Sabóia e Florença;

– recusa cargo de professor no liceu de Sidibel-Abbès, para não se aprofundar no hábito;

- descobre Sorel, Nietzsche e Splenger.

### 1938

- Inicia carreira jornalística no “Alger-Republicain”;
- escreve CALÍGULA e começa a planejar “O Estrangeiro” e “O Mito de Sísifo”.

### 1939

- Trava conhecimento epistolar com André Malraux;
- segue para Cabília, onde é encarregado de um inquérito por seu jornal;
- planeja uma viagem à Grécia que é impedida pela guerra. Tenta alistar-se, mas a saúde não lhe permite.

### 1940

- Casa-se pela segunda vez;
- após a viagem a Cabília, é “colocado debaixo dos olhos” pelo Governo Geral e não consegue trabalho em sua terra natal. Muda-se então para a França;
- entra no “Paris-Soir”, recomendado por Pascal Pia, diretor Alger-Républicain;
- em maio, acaba “O Estrangeiro”;
- semanas mais tarde abandona o “Paris-Soir”, refugiado em Clermont;
- setembro: - inicia “O Mito de Sísifo”.

### 1941

- Fevereiro: termina “O Mito de Sísifo”;
- depois de passar 3 meses em Lyon, volta à África do Norte;
- leitura de Tólstoi, Marco Aurélio, Vigny; elaboração de “A Peste”.

### 1942

- julho: publicação de “O Estrangeiro”;
- entra no movimento de resistência “Combat”, logo que regressa à França.

### 1943

- janeiro: estada no Maciço Central por razões de saúde;
- de volta a Paris, integra-se novamente no movimento “Combat”;
- leitor na Editora Gallimard.

### 1944

- agosto: primeiro número de “Combat” livremente difundido, sendo Camus o redator-Chefe;
- representação de “O Equívoco” no Théâtre des Mathurins com Maria Cesarès e Marcel Herrand.

### 1945

- APRESENTAÇÃO DE “CALÍGULA” no Hébertot com Gerard Philipe no papel-título.

#### 1946

- Viagem aos Estados Unidos, onde é acolhido calorosamente pelos estudantes; de volta, termina "A Peste";
- leitura de Simone Weil cujas obras editará a seguir.

#### 1947

- O "Combat" sofre sérias repressões e a equipe se desfaz;
- junho: publicação de "A Peste", que é recebida com entusiasmo.

#### 1948

- Representação de "O Estado de Sítio" no Théâtre Marigny por Jean-Louis Barault, Madeleine Renaud, Marie Cesarès e Pierre Brasseur.

#### 1949

- Março: assina um apelo a favor dos comunistas gregos condenados à morte;
- dezembro: renova o apelo.

#### 1951

- O ano anterior fora de fadiga e doença e Camus continua a trabalhar em "O Homem-Revoltado";
- outubro: publicação de "O Homem-Revoltado";
- longa polémica com progressistas e comunistas;

- através de artigo publicado em "Les Temps", rompe abertamente com Sartre.

#### 1952

- Novembro: rompe com a UNESCO, pedindo sua demissão, por ter sido aceita, em seu seio, a Espanha Fascista.

#### 1953

- 17 de junho: toma posição, no decurso de uma alocução pronunciada na Mutualité, a favor dos operários mortos durante os levantamentos de Berlim-Leste;
- algumas semanas mais tarde: encena duas adaptações suas, "A Devção da Cruz" de Calderón de la Barca e "Os Espíritos", de Larivey.

#### 1955

- Maio: finalmente, viagem à Grécia;
- fim do ano: regresso ao jornalismo e publicação em L'Express de uma série de artigos sobre o problema norte-africano.

#### 1956

- Janeiro: lançamento, em Argel, de um apelo em prol de uma trégua diante de uma assistência composta por membros das diferentes comunidades muçulmanas;
- maio: publicação de "A Queda" e anuncia uma coletânea de novelas;
- verão: trabalha na encenação, no Mathurins, de "Réquiem para uma negra", de Faulkner, em adaptação sua;

– novembro: após os dias trágicos da insurreição húngara convoca, no “Franc-Tireur”, os escritores europeus a recorrer à ONU.

### 1957

– Lançamento da coletânea de novelas sob o título “O Reino e o Exílio”;

– dois meses mais tarde - “Reflexões sobre a pena capital”, ensaio contra a pena de morte, feito juntamente com Arthur Koestler;

– Festival de Angers: põe em cena “O Cavaleiro de Olmedo”, de Lope de Vega, em adaptação sua e CALÍGULA;

– 10 de dezembro: recebe, em Estocolmo, PRÊMIO NOBEL DE LITERATURA, conferido a 17 de outubro pelo conjunto de sua obra, que segundo a Academia Sueca, “põe em plena luz os problemas que se colocam nos nossos dias à consciência dos homens”.

### 1959

– Encena uma adaptação de “Os Possessos”, de Dostoievsky;

– prepara um romance “Le premier Homme”.

### 1960

– “Dia 4 de janeiro de 1960, quase 14 horas: na estrada que vai de Sens a Paris, um automóvel derrapa e bate violentamente. Um homem que à distância presencia o acidente, encontra três corpos sobre o chão: duas mulheres e um homem, feridos. Preso às ferragens da carroceria o quarto passageiro já morto. Os documentos encontrados em seu bolso permitem identificá-lo: era **ALBERT CAMUS**, o escritor argelino. Poucas vezes o absurdo se mostrara com tamanha evidência: morrera aos 47 anos, no auge de uma carreira que parecia longe de esgotar todas as suas promessas. E, no entanto, o próprio CAMUS sempre soubera - e disso fizera um dos temas centrais de sua obra, que o absurdo é uma das dimensões da vida, antes de ser a face inevitável da morte”.

Albert Camus -  
visto por ele  
mesmo



Aprendi nessa época uma verdade que sempre me tem impelido a aceitar os sinais do confronto, ou de instalação, com ironia, impaciência, e às vezes mesmo com furor. Embora viva hoje sem a preocupação do amanhã, portanto como privilegiado, eu não sei possuir. Do que tenho, e que me é sempre oferecido sem que o tenha procurado, nada posso guardar. Menos por prodigalidade, parece, que por uma outra espécie de parcimônia: - eu sou avaro dessa liberdade que desaparece logo que começa o excesso de bens. O maior dos luxos nunca deixou de coincidir para mim com uma certa penúria. Gosto da casa nua dos árabes ou dos espanhóis. O local onde prefiro viver e trabalhar (e, coisa mais rara, onde me seria indiferente morrer) é o quarto do hotel. Nunca consegui abandonar-me ao que se chama a vida de interior (que é, as mais das vezes, o contrário da vida exterior); a felicidade a que chamam burguesia aborrece-me e assusta-me. Esta inaptidão, de resto, nada tem de glorioso; ela não contribuiu pouco para alimentar os meus piores defeitos. Não invejo coisa alguma, o que é meu direito, mas nem sempre penso nas invejas dos outros e isso tira-me imaginação, isto é: bondade.

É verdade que fiz uma máxima para meu uso pessoal: "É preciso recorrer aos nossos princípios nas grandes coisas; para as pequenas, a misericórdia basta." Ai de nós! Fazemos máximas para tapar os buracos da nossa natureza. Em mim, a misericórdia de que falo chama-se antes indiferença. Os seus efeitos, é bem de crer, são menos miraculosos.

Mas eu quero apenas sublinhar que a pobreza não supõe forçosamente a inveja. Mesmo mais tarde, quando uma grave doença me tirou provisoriamente a força de vida que, em mim, tudo transfigurava, malgrado as imperfeições invíveis e das novas fraquezas que nela encontrava, pude conhecer o medo e o desânimo, jamais a amargura. Esta doença acrescentava, sem dúvida, outros entraves, e dos mais duros, aos que já eram meus. Ela favorecia finalmente essa liberdade do coração, essa ligeira distância a respeito dos interesses humanos, que sempre me preservou do ressentimento. Este privilégio, desde que vivi em Paris, sei que é de rei. Mas gozei-o sem limites nem remorsos e, pelo menos até ao presente, iluminou toda a minha vida.

Desde o tempo em que estas páginas foram escritas, envelheci e atravessei muitas coisas. Conheci-me a mim mesmo, conhecendo os meus limites, e quase todas as minhas fraquezas. Aprendi muito menos sobre os seres, porque a minha curiosidade se dirige mais para o destino deles do que para as reações e porque os destinos se repetem muito. Aprendi ao menos que eles existiam e

... A pobreza, em primeiro lugar, nunca foi uma desgraça para mim: a luz derramava nela as suas riquezas. Mesmo as minhas revoltas foram por ela iluminadas. Elas foram quase sempre, julgo poder dizê-lo sem fazer batota, revoltas em prol de todos e para que a vida de todos seja construída na luz. Não é certo que o meu coração fosse naturalmente disposto para esta espécie de amor. Mas as circunstâncias ajudaram-me. Para corrigir uma indiferença natural, achei-me colocado a meia distância da miséria e do sol. A miséria impediu-me de acreditar que tudo está bem debaixo do sol e na história, o sol ensinou-me que a história não é tudo. Mudar a vida, sim, mas não o mundo, de que eu fazia a minha divindade. Foi assim, sem dúvida, que eu abordei esta carreira infortável que é a minha, aventurando-me com inocência sobre um arame de equilibrista em que avanço penosamente, sem estar certo de alcançar o objetivo. Por outras palavras: tornei-me um artista, se é verdade que não há arte sem recusa nem consentimento.

Em todo o caso, o belo calor que reinava sobre a minha infância privou-me de qualquer ressentimento. Eu vivia com dificuldades, mas também numa espécie de gozo. Sentia em mim forças infinitas: era apenas preciso encontrá-lhes um ponto de aplicação. Não era a pobreza que constituía propriamente o obstáculo a essas forças: em África, o mar e o sol são de graça. O obstáculo estava antes nos preconceitos ou na estupidez. Eu tinha aí todas as facilidades para desenvolver um "castelhanismo" que bem me prejudicou, e de que zomba com razão meu amigo e mestre Jean Grenier, e que eu tentei em vão corrigir, até no momento em que compreendi que também havia uma fatalidade das naturezas. Mais valia então aceitar o próprio orgulho e tratar de fazê-lo servir, em vez de nos atribuirmos, como diz Chamfort, princípios mais fortes do que o nosso caráter. Porém, depois de me ter interrogado, posso testemunhar que, entre as minhas numerosas fraquezas, jamais figurou o defeito mais espalhado entre nós, quero dizer: a inveja, verdadeiro cancro das sociedades e das doutrinas.

... Encontro por vezes pessoas que vivem no meio de riquezas que não posso sequer imaginar. É-me preciso, no entanto, um esforço para compreender que se possam invejar tais fortunas. Durante oito dias, há já muito tempo, vivi cumulado pelos bens deste mundo: dormíamos sem teto, numa praia, alimentava-me de frutos e passava metade dos meus dias dentro das águas desertas.

que o egoísmo, se não pode renegar-se, deve tentar ser clarividente. Gozar comigo mesmo é impossível; sei-o, apesar dos grandes dons que são os meus para esse exercício. Se a solidão existe, o que ignoro, temos todo o direito, de vez em quando, a sonhar com ela como com um paraíso. Sonho com ele por vezes, como toda a gente. Mas dois anjos tranqüilos sempre me vedaram a sua entrada; um mostra o rosto do amigo, o outro a face do inimigo. Sim, sei tudo isso e aprendi ainda, ou quase, o que custava o amor. Porém, sobre a própria vida não sei mais do que o que disse, com imperícia, em *O AVESSO E O DIREITO*.

... Como toda a gente, tentei, o melhor que pude, corrigir a minha natureza pela moral. Foi, aí de mim! o que mais me custou. Com energia, e eu tenho-a, chegamos às vezes a conduzir-nos segundo a moral, não a ser. E sonhar com a moral quando se é um homem de paixão é votarmo-nos à injustiça, precisamos quando se fala de justiça. O homem aparece-me às vezes como uma injustiça em marcha: penso em mim. Se tenho, neste momento, a impressão de me ter enganado ou de ter mentido naquilo que por vezes escrevia, é que eu não sei como fazer conhecer honestamente a minha injustiça. Sem dúvida, eu nunca disse que era justo. Somente me aconteceu dizer que era preciso tentar sê-lo, e também que isso era uma dor e uma desgraça. Mas a diferença é porventura tão grande? E pode verdadeiramente pregar a justiça aquele que nem mesmo consegue fazê-la reinar na sua vida? Se, ao menos, se pudesse viver segundo a honra, essa virtude dos injustos! Mas o nosso mundo considera essa palavra obscena; aristocrata, faz parte das injúrias literárias e filosóficas. Eu não sou aristocrata, a minha resposta está toda neste livro.

... E não obstante, sim, eu tenho necessidade de honra, porque não sou bastante grande para passar sem ela.

*(Fragmento do prefácio a O AVESSO E O DIREITO)*

# O Teatro de Albert Camus

MARIA LÚCIA CAMPANHA DA ROCHA RIBEIRO



Considerado por todos como o principal teórico do absurdo, principalmente após a publicação de **O mito de Sísifo**, a dramaturgia de Albert Camus não poderá, entretanto, ser catalogada estreitamente sob este rótulo. Suas peças teatrais não apresentam, para tanto, a preocupação formal que se pode verificar nos dramaturgos desta corrente. Pelo contrário, muitas vezes serve-se da estrutura tradicional, ainda que para penetrar-lhe no âmago, para fazer implodir a carga de sentido conformista que ela comumente sustenta. Seu grande teor de renovação consiste, portanto, em oferecer ao espectador novas perspectivas de raciocínio crítico, a partir de uma proposta dupla: levar o raciocínio lógico às suas últimas consequências, para demonstrar, então, sua falência. Aí concentra-se o filão significativo de Camus.

*Eu instalo a minha lucidez a meio daquilo que a nega. Exalto o homem ante o que o esmaga e a minha liberdade, a minha revolta a minha paixão reúnem-se, então nessa tensão, nessa clarividência e nessa repetição desmesurada,*

afirma o escritor em **O mito de Sísifo** (p. 109). E assim se define seu espaço de luta pela formulação de sentido: diante do irremediável, da inafastável fatalidade de um destino cruel, resta ao homem um breve instante para dar razão ao mergulho fatal — o momento que precede à queda, quando ele se equilibra na margem do abismo, tomado pela tensão estabelecida entre sentimento e razão.

Tudo, na obra de Albert Camus, refletirá, pois esta situação de estar **no limiar**, de aplicar-se numa construção prestes a submergir na destruição absoluta, na iminência de precipitar-se no vazio. Talvez por isto o escritor tenha escolhido a carreira teatral, visto que o próprio fazer dramático já evidencia este paradoxo na febre de criar o efêmero, no trabalho "sisífico" de levantar um espetáculo que se esgota no correr da cortina.

**O Estado de sítio** presta-se, magistralmente, para demonstrar este sentido de repetição, para o qual apenas o gesto da revolta poderá despontar como alternativa. Nada muda, "Cádiz é sempre Cádiz" e o cometa que deveria anunciar a vinda da Redenção, traz consigo a Peste — o que dá no mesmo. Por outro lado, o vendaval da aparente transformação servirá, apenas para revelar o caos da ordem, fazer aflorar o medo e a submissão para que a realidade se torne o precipício em que mergulha Diogo, sabendo que deixou como herança o Nada, o retorno do **velho**, dos **de sempre**.

Da mesma maneira que Calígula precipita-se para a História, após haver experimentado o extremo da solidão e do exercício lógico de um poder injustificado, porque destinado a perdê-lo e a levar todos à perdição, Diogo vê instalar-se o mundo da ordem "divina" da Peste e sofre o domínio inexplicável. E não há diferença entre o sofrimento de exercer o Poder e sofrer a opressão, ainda que nesta seja mais incentivadora a revolta. As duas faces da moeda se equivalem, ambas carregam uma **ordem** insustentável ante o "desarrazoado" da vida.

A demissão de Deus oferece ao homem um aumento de sua disponibilidade para o mundo. Entretanto, tão ilusória quanto a idéia divina, seria a pretensão de emitir conceitos perduráveis. Quando não existem alibis e se encara de frente a realidade absurda, somente a vida resta: uma vida que se despoja de todos os apelos ilusórios, busca a multiplicidade de experiências e esvai-se a qualquer momento em prol de qualquer causa. "Eu tiro do absurdo", diz Camus, "três consequências que são: minha revolta, minha liberdade, minha paixão. Apenas para o jogo da minha consciência, eu transformo em regra de vida o que era convite à morte — eu recuso o suicídio". Assim, é nesta recusa inútil que reside o sentido da existência, na coragem suprema de aceitar como única verdade a multiplicidade caótica do real.

Este caos inevitável que reside na premência de esgotar todos os papéis que a vida oferece orienta o sentido de **O equívoco**, constituindo-se em seu núcleo de composição: nada impedirá Jan de esgotar seu amor pelo disfarce, e nada sustará o gesto assassino de sua mãe e de sua irmã, na febre da recusa ética traduzida na repetição do roubo a que submetem todos os viajantes que pousam em sua estalagem. Verdade e aparência fazem parte de um mesmo jogo vital para Camus, não importa a consequência fatal que destruirá toda a família, importa a diversidade dos gestos: disfarce e reiteração.

O mesmo dilema persistirá em **Os justos**, agora metamorfoseado num questionamento sobre os limites da regra. Na peça tem lugar, de forma mais concreta e evidente do que em **Estado de sítio**, uma autópsia do estatuto duplo do gesto histórico de revolta. Abandonando a seara poética a peça se localiza em 1905, em um quarto no onde terroristas aguardam a explosão de uma bomba. Em torno do gesto levanta-se a questão da necessidade do gesto assassino e sua justificativa histórica. Contrapõem-se perfis de militância: Kaliayev, para quem matar terá sentido, desde que sua justificativa seja a vida, aceitando o crime com seu próprio suicídio e recusando qualquer alibi que

lhe permita escapar à condenação, não demitindo-se das conseqüências e, no entanto, sem remorsos; Stepan Fedorov, que faz sua opção por uma sede de justiça impregnada de ódio e incapaz de aceitar qualquer justificativa humana para o exercício maquinal e regado de seus planos; e Dora Doulebov, para quem a justiça e o amor são inseparáveis e em quem se pode visualizar os efeitos do gesto criminoso. Embora não seja a vítima do crime, a personagem faz levantar a dúvida sobre a própria condição de vítima: será o morto ou o assassino condenado por seu gesto?

O teatro de Camus se mostra, portanto profundamente comprometido com sua temática. Recusando as experiências formais do século, nem por isto o autor deixou de apresentar sua contribuição para o desenvolvimento da expressão dramática. Revelou uma nova maneira de fazer jorrar luz sobre o gesto trágico, convocando, das formas contemporâneas o dinamismo de conjugação e das formas clássicas a lucidez de organização e a altura poética. E a partir desta associação fez com que tudo se submetesse a um compromisso significativo inadiável: a constatação da realidade absurda da existência e a impossibilidade de evitar o engajamento histórico que, por sua vez, nada tem de grandioso. Pelo contrário, reside no cotidiano anônimo, no reconhecimento da escassez do espaço da revolta verdadeira, o apelo à concentração de força nos pequenos gestos perdidos. Com o teatro de Camus aprendemos que não há tempo para esperarmos pelos grandes momentos para efetivar a recusa e demonstrar o comprometimento histórico. Nada existe de grandiloquente no engajamento e nenhum ato heróico se compara à lucidez da consciência dos pequenos momentos que compõem a totalidade da vida. Nestas frações exíguas é que o homem deverá exercer sua liberdade, paixão e revolta, ciente de que não lhe cabe apontar caminhos, mas contagiar, com sua ação livre, os que o cercam.

# O ESTADO DE SÍTIO

José Eduardo Arcuri



Cádiz é uma cidade normal. Seus habitantes vivem a aparente normalidade "sugerida" por governantes adeptos da imobilidade. Frequentam a feira, brigam pelo peixe fresco, deixam-se levar pela ilusão fornecida por comediantes e procuram saber, pelos astros, de seus amores e riquezas futuras.

E é justamente um astro que vem anunciar novos tempos. Sua passagem no céu da cidade provoca pânico. Subitamente um comediante cai morto. É a Peste! Sob a forma de um oficial, ela traz "o silêncio, a ordem e a absoluta justiça".

Tem início o Estado de Sítio, o exercício do poder pelo poder, do crime pelo crime, prendendo os homens à gigantesca engrenagem da sociedade moderna, que os obriga a viver amarrados uns aos outros, sem se entenderem. Através de uma enxurrada burocrática, o novo poder mantém os habitantes sob um estado de constante caos. É o verdadeiro terror.

A liberdade tem que ser reconquistada. A carência deve ser transformada em equilíbrio pela ação de um herói.

Diogo é o apaixonado que não acredita na calamidade instalada. Ser feliz é um longo trabalho que pede a paz das cidades e dos campos. Seu amor por Vitória é suficiente. Vive uma vida metódica, marcada por um ritmo imposto pelo trabalho, pela família, pela vida social, onde a dúvida e a indagação não encontram lugar. A experiência de uma situação injusta faz surgir o "porquê". Percebe, então, como o mundo é estranho e a inutilidade de uma vida arrumada e empacotada. Sua revolta é, no fundo, a descoberta da existência de outras pessoas.

Diogo deve cumprir sua trajetória. Ele é o estudante que será, em breve, "doutor". Sua situação o coloca automaticamente à frente de um povo oprimido. O herói deve, porém, passar por estágios, ou provas, que o qualifiquem a cumprir a missão de luta contra a sujeição do homem à situação injusta que lhe é imposta.

O primeiro deles é um QUERER, nascido, espontaneamente, em Diogo, a partir de seu contato direto com o sofrimento do povo. Inicia, então, a busca de um SABER que lhe possa fornecer o instrumento de sua luta. A morte, na figura da Secretária da Peste, ao ser enfrentada por Diogo, fornece-lhe a chave deste conhecimento. A condição necessária é que o medo seja vencido.

A partir daí, a engrenagem começa a ranger. Este SABER o leva ao terceiro estágio que o habilita ao desempenho de sua missão, o PODER. O herói está pronto para agir.

As mordanças são retiradas, o povo volta a falar, um ligeiro vento começa a soprar, sacudindo uma das portas e fazendo flutuar as cortinas:

*"Apaguem as estrelas! Abram as janelas. Ar! Mais ar! Reúnam os doentes. Não tenham medo. . . é a condição. De pé, todos os que puderem! Por que recuam? Levantem a cabeça: é a hora da altivez! Joguem fora a mordança e gritem, comigo, que não têm medo. Ó santa revolta! Recusa viva, honra do povo, dá a esses amordaçados a força de seu grito!"*

Diogo precisa levar o povo a superar seu medo, é a única saída. É hora de enfrentar o opressor frente a frente, e ele terá ainda a prova definitiva. Atingida pela peste, Vitória agoniza. É necessário que ele morra para que a Vitória sobreviva. A Peste lhe oferece a vida da mulher, deixando que ambos fujam. Em troca disso terá o domínio da cidade. Diogo recusa, assumindo até o fim o seu papel.

O herói está morto. A Vitória está com o povo. A trajetória termina com o reconhecimento de seu gesto por aqueles a quem ele se dirigiu: **Os habitantes de Cádiz.**

Sua revolta foi, antes de tudo, uma tomada de consciência do homem diante do mundo; através dela, rompe as barreiras de suas limitações. Neste sentido ela é o último reduto do humanismo, servindo como instrumento de redenção na luta por um mundo mais justo e mais livre.

